



Os “padres novos” frente à renovação do Vaticano II e a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Retroceder ou avançar?

The “new priests” due to Vatican II renewal and the liberating tradition in Latin American Church. Backward or forward?

VITOR HUGO MENDES ^a

Resumo

Em foco, aqui, um breve relatório dos dados de uma pesquisa de campo em busca do perfil dos “padres novos” no seio do catolicismo brasileiro, mais especificamente em relação à renovação do Vaticano II, à tradição libertadora da Igreja na América Latina e Caribe, bem como à Teologia da Libertação, seguido de uma análise preliminar dos mesmos. Trata-se de dados colhidos junto a agentes eclesiais de duas perspectivas sócio-pastorais — a “institucional/carismática”, à qual estão alinhados os “padres novos”, e a “evangelização/libertação”, que se remete à postura dos “padres das décadas de 1970/80”. Os dados apresentados mostram o distanciamento da perspectiva “institucional/carismática” em relação à renovação conciliar e sua recepção criativa na América Latina em torno a *Medellín* e *Puebla*. Ao mesmo tempo revelam as dificuldades dos alinhados à perspectiva “evangelização/libertação” para manter as conquistas e muito mais diante da necessidade de avançar, tal como interpela o magistério reformador do Papa Francisco. Este processo de renovação eclesial, quando não interrompido, foi sendo esquecido e, cada vez mais, abandonado por uma sucessiva geração de “padres novos”, fortalecendo uma polarização “institucional/carismática”, que restaurou uma cultura fortemente clerical (e clericalizante) no interior da Igreja.

^a Universidade Pontifícia de Salamanca (UPSA), Salamanca, Espanha. Doutor em Teologia, e-mail: mendesvh90@gmail.com

Palavras-chave: Vaticano II. Igreja latino-americana. Teologia da Libertação. Presbíteros. Clericalismo.

Abstract

In focus here, a brief report of data from a field research in search of the profile of the “new priests” within Brazilian Catholicism, more specifically in relation to the renewal of Vatican II, the liberating tradition of the Church in Latin America and the Caribbean, as well as to Liberation Theology, followed by a preliminary analysis of them. This is data collected from ecclesial agents from two theological-pastoral perspectives – the “institutional/charismatic”, to which the “new priests” are aligned, and the “evangelization/liberation”, which refers to the posture of the “priests from the 1970s/80”. The data presented show the distancing of the “institutional/charismatic perspective” in relation to the conciliar renewal and its creative reception in Latin America around Medellín and Puebla. At the same time, they reveal the difficulties of those aligned with the “evangelization/liberation perspective”, both to maintain the achievements and much more in view of the need to move forward, as the reforming magisterium of Pope Francis challenges. This process of ecclesial renewal, when not interrupted, was being forgotten and, increasingly, abandoned by a successive generation of “new priests”, strengthening an “institutional/charismatic” polarization, which restored a strongly clerical (and clericalizing) culture in the Church interior.

Keywords: *Vatican II. Latin American Church. Liberation Theology. Elders. Clericalism.*

Introdução

Em um período relativamente próximo do nosso tempo, a partir da segunda metade do século passado, a literatura, os estudos, as pesquisas e os debates sobre a formação, a vida e o ministério do clero católico tornaram-se cada vez mais frequentes. Muito embora nesta compreensão estejam incluídos o diácono, o presbítero e o bispo, os três graus do Sacramento da Ordem, a figura do “sacerdote”, dada a centralidade de sua atuação na pastoral e o seu expressivo maior número no âmbito de representação da Igreja, tornou-se o foco de maior atenção e, não poucas vezes, de maior polémica. Dos muitos aspectos analisados, em outras épocas, de modo geral, enaltecendo as virtudes destes homens “consagrados a Deus”, ao longo do tempo, para além disso, passou-se a um criterioso exame dos paradoxos, contradições, pecados e, até mesmo, atos dolosos visibilizados na figura do “sacerdote”.

Esta crescente disposição crítica, muitas vezes trazida a público pelos meios de comunicação — embora também tenha sido utilizada para outros fins —, não deixou de explicitar, denunciar e combater as muitas incongruências de um “invencível” clericalismo¹, em boa medida, ainda tributário da (neo)crisandade católica. Basta lembrar a persistência do termo “sacerdote” em detrimento da renovação conciliar encontrada na figura do “presbítero” (ancião, irmão mais velho).

É um fato que, desde a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja e, por assim dizer, a teologia, a eclesiologia, a evangelização... sofreu inúmeras transformações que alteraram significativamente o exercício do ministério “sacerdotal”. Apesar disso, depois de séculos de acomodação institucional em tudo aquilo que foi prescrito pelo Concílio de Trento (1545-1563) e, que foi confirmado no Vaticano I (1870), a “modernidade da Igreja” e a reconciliação com as “realidades terrestres” continuou sendo um processo — senão controverso — ao menos conturbado e difícil (cf. MENDES, 2011). Neste sentido, embora por razões diversas, não foi por acaso que no período imediato ao Concílio fez-se notório um alto índice de abandono do “sacerdócio”. Na realidade, não obstante os esforços empreendidos de renovação (*ressourcement, aggiornamento...*), esperava-se mais ousadia e outros avanços que tardam ainda hoje em chegar na vida do “presbítero”. De toda maneira, a Igreja mostrava-se ainda em desacerto com o seu tempo histórico-cultural, pois o diálogo com a modernidade se foi dando na emergência da aguda crise da modernidade. É possível que este persistente descompasso, na atualidade, seja um dos fatores principais, certamente não o único, que está na base da progressiva falta de vocações para o ministério presbiteral.

No âmbito destas e outras análises, nos anos de 1990 foi sobressaindo a expressão “padres novos”², tratando de dizer um fenômeno complexo: o modo de

¹ Conferir, por exemplo, o filme-documentário *Spotlight – Segredos revelados* (2015), dirigido por Tom MacCarthy sobre os abusos sexuais e de consciência na arquidiocese de Boston, Estados Unidos.

² É curioso o fato de que as expressões “os Novos Padres”, “Os Novos Padres II” e “Ainda os Padres Novos” serviram como títulos de três artigos jornalísticos, de autoria de Gustavo Corção, publicados no ano de 1965. Neles o autor, inclusive fazendo referência direta ao jovem padre jesuíta Henrique Vaz, criticava as modernidades trazidas pelo Concílio e o seu grande impacto inovador sobre os “padres novos” (BETT, 2010, p. 181).

ser de uma geração de *novos padres* que, no amanhecer da cultura “pós” todas as coisas, sem qualquer compunção, foi deixando para trás o Concílio e a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Ulteriormente, a sintética formulação — “padres novos”, passou a ser utilizada na prática como uma categoria analítica que foi retomada uma e outra vez tratando de explicar a continuidade daquele “fenômeno complexo” — os “padres novos” —, nas décadas seguintes. Ainda que se possa dizer que esta situação tem um alcance global — no mundo inteiro continua emergindo uma nova fisionomia de *novos padres* cujo perfil, em muitos casos, desperta preocupações —, o foco de nosso interesse se deterá mais especificamente sobre os “padres novos” na realidade do Brasil podendo também refletir a situação da América Latina e Caribe.

Com estes elementos em perspectiva, como pano de fundo deste estudo estão os dados de uma pesquisa acadêmica recente e de grande alcance que, de maneira específica, tomou em consideração a categoria “padres novos”, para escudrinhar a realidade atual e o futuro da Igreja, da evangelização e do ministério presbiteral. Assim, orientando-se pelo método teológico latino-americano e servindo-se de suporte bibliográfico apropriado, vamos nos concentrar em repassar algumas informações recolhidas, todavia, tendo em vista analisar a situação dos “padres novos” frente à renovação do Vaticano II, a caminhada de libertação da Igreja na América Latina e a Teologia da Libertação. Retroceder ou avançar?

1. A realidade é superior à ideia

Como já foi lembrado, os estudos, pesquisas e debates sobre a formação, a vida e o ministério do presbítero, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, tornaram-se mais comuns³. Deve-se lembrar que muitas destas iniciativas, na sua

³ Entre outras iniciativas e trabalhos lembramos, por exemplo, a realização do Sínodo de 1971 sobre *O sacerdócio ministerial e a justiça no mundo* e o Sínodo de 1990 sobre *A formação de Padres nas circunstâncias atuais*. As investigações pioneiras de Luigi M. Rulla e colaboradores, nos anos de 1970, sobre a *psicologia do profundo e vocação*. Entre muitos outros, os livros: *O padre à procura de si mesmo* (1968), de J. Laplace; *O ser do padre* (1972), de Boaventura Kloppenburg; *Clérigos. Psicodrama de un ideal* (1989), de Eugen Drewermann; *Padres para amanhã. Uma proposta para comunidades sem eucaristia* (2004), de Fritz Lobinger; *A identidade do ministério presbiteral como*

origem, estiveram vinculadas com alguma solicitação eclesial ou com ações de instituições relacionadas a ela. Isso parece indicar, por um lado, o interesse em conhecer melhor, acompanhar, orientar e intervir na trajetória deste histórico agente de pastoral, por outro, a crescente necessidade de refletir sobre o seu perfil e a sua missão na Igreja e na sociedade. Como se pode notar, tratando de vencer aquela identidade presbiteral invariável para todos os tempos e lugares, hoje se necessita compreender a identidade do presbítero desde a real contextualidade da missão evangelizadora da Igreja.

Tendo isto em consideração, é curioso constatar que no Brasil as pesquisas realizadas sobre o clero são significativas tanto em números quanto em seu perfil analítico. Entre muitas outras que facilmente se poderiam listar, mencionamos duas investigações bastante complementares que, publicadas no início do novo milênio, estando à mão, relemos em função da realização deste trabalho: *O padre no Brasil. Interpeleções, dilemas e esperanças* (MEDEIROS; FERNANDES, 2005); *Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros no Brasil* (VALLE; BENEDETTI; ANTONIAZZI, 2004).

Embora não vamos interagir diretamente com o conteúdo destes trabalhos, é interessante destacar que a pesquisa de 2001 foi encomendada ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) pela Comissão Nacional de Presbíteros (CNP). Por sua vez, na apresentação da obra publicada faz-se referência a outra pesquisa, de 1968, que foi encomendada pela Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) a respeito dos Presbíteros do Brasil. Passados, naquele momento, quase trinta e cinco anos do primeiro trabalho (1968-2001), Pedrinho de Oliveira, responsável pelo relatório final da primeira pesquisa, observa que “apesar de suas diferenças e especificidades de cada uma, seus dados permitem uma apreciação sociológica sobre o papel do presbítero em dois momentos bem diferentes da história da Igreja”. Conforme sublinha a sua análise, estes dois momentos foram o “início do período de reformas impulsionadas pelo Concílio Vaticano II” e, nas circunstâncias ulteriores, quando as “reformas foram traduzidas em normas do Código de Direito Canônico promulgado pelo papa João Paulo II” (OLIVEIRA, 2005,

tema teológico-pastoral: uma questão epistemológica (2008), de Carlos R. Groh; *Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional* (2012), de Willian C. Castilho Pereira.

p. 43). Vale a pena lembrar, como indica o autor, que este último período representou “um longo pontificado que se esmerou em restaurar estruturas eclesiais abaladas por aquele espírito renovador” (OLIVEIRA, 2005, p. 49).

De toda maneira, revisitando estes pouquíssimos dados, damos-nos conta da importância de voltar, oportunamente, a escudrinhar comparativamente as outras pesquisas existentes sobre o clero da Igreja no Brasil. Um estudo desta natureza poderia verificar a impressão de que, embora não faltem dados e análises a respeito do presbítero no Brasil (e na América Latina), a recepção destas informações e os esforços institucionais — para responder às situações e problemas — foram significativamente escassos diante das urgências evangelizadoras que foram se avolumando, quiçá, inclusive, insuficientes para projetar de modo consequente o presente e, como parece evidente, planejar o futuro que virá. Pode-se dizer que parte significativa desta problemática eclesial, envolvendo a vida do clero, tem a sua raiz no processo de formação inicial do presbítero que, ordinariamente, se dá no ambiente ainda circunscrito do seminário idealizado nos moldes tridentino (cf. MENDES, 2002).

Não obstante, como foi anunciado, estamos no âmbito de uma nova pesquisa — *em busca do perfil dos “padres novos” no Brasil*, com um levantamento de dados, através da consulta de agentes de pastoral nas cinco regiões do país, sobre sua — *Visão de Mundo* (Parte I), *Visão de Igreja* (Parte II) e *Visão sobre o ministério presbiteral* (Parte III). Trata-se de uma pesquisa abrangente, que penetra uma realidade ampla e complexa, seja pelo renovado interesse na situação dos “padres novos”, seja pelo novo contexto produzido pelo pontificado do Papa Francisco, seja, ainda, pelo impacto inesperado causado pela pandemia da Covid-19. A situação pandêmica (*sindemia*), de maneira particular, desnudou o atraso da Igreja em responder aos atuais desafios da evangelização hoje (cf. CASTELA, MENDES, 2021)

Da pesquisa em questão, cabe-nos aqui refletir e tirar algumas consequências de três perguntas da Parte II do questionário aplicado na pesquisa de campo, relativas à visão de Igreja dos católicos no Brasil e o perfil dos padres novos, que indagam: (1) *A renovação do Vaticano II está avançando, estancada ou retrocedendo?* (2) *Na prática, a tradição latino-americana (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida) está avançando, estancada ou retrocedendo?* (3) *Como avalia a teologia da libertação?* Como se pode perceber, os temas supostos em cada uma destas

perguntas já mereceram incontáveis estudos e análises teológico-pastorais (cf. MENDES, 2020). O instrumento da pesquisa aplicada, por sua vez, permite abordar estes desafios desde a realidade sócio-pastoral vivida. Isto é muito importante, considerando que este é o ponto de partida característico do método teológico-pastoral latino-americano, partir da *realidade*.

Vale a pena ainda recordar que a pesquisa, ao tomar como foco os “padres novos”, situa em relação à perspectiva *institucional/carismática*, à qual eles se alinham, e à perspectiva *evangelização/libertação*, à qual se remetem os “padres da década de 1970/80”. Tais elementos críticos, para analisar os “padres novos”, em linha geral, tomam em consideração a proposta desenvolvida por J. B. Libânio no livro *Cenários da Igreja* (2012). Trata-se de uma hermenêutica dinâmica que buscou superar os conhecidos limites da proposição “modelos de Igreja”, visualizando a interação de diferentes cenários. Outro aspecto importante a ser indicado diz respeito aos entrevistados/as. Trata-se de padres, leigos/as, jovens, seminaristas e religiosas, ou seja, de agentes eclesiais selecionados das duas perspectivas sócio-pastorais já indicadas.

Dito isto brevemente, lembramos a quem possa interessar que os dados completos recolhidos e uma análise preliminar das informações estão publicados no livro — *O novo rosto do clero. Perfil dos padres novos no Brasil*, da Editora Vozes. Lá há uma abordagem dos dados por perspectiva sócio-pastoral e por categorias de agentes eclesiais das duas perspectivas juntas em relação aos “padres novos”. Aqui vamos abordar os “padres novos” em relação a cada categoria de agentes de uma das duas perspectivas em separado. Os dados que apresentaremos, serão acompanhados de alguns comentários que, a partir desta amostragem da realidade, tendo em vista compreender a cultura dos “padres novos”, visam aprofundar o futuro do nosso passado recente.

1.1 A renovação do Concílio Vaticano II

O afastamento cronológico da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) tem significado também um notório distanciamento daquele espírito de renovação e de reformas que acompanharam a “primavera eclesial” inaugurada pelo papa João XXIII. Neste sentido, pode-se dizer que o período pós-Concílio foi marcado por

diferentes momentos de recepção daquele que foi o maior acontecimento da Igreja católica no século XX. Obviamente que estas “recepções” do Vaticano II também foram dando-se de modo diverso nos distintos âmbitos da Igreja, de toda maneira, sempre cobrando tomar posição em relação ao *aggiornamento* conciliar (cf. ESPEJA, 2012), um debate intenso permeado de “prós” e “contras” (cf. FAGGIOLI, 2015). Isto até a chegada do Papa Francisco (2013) que, decididamente, reposicionou o Concílio Vaticano II na vida da Igreja.

Como veremos oportunamente, América Latina e Caribe, ao promover uma recepção ousada e criativa do Concílio mediante a Conferência de Medellín (1968), tornou-se um exemplo para a Igreja no mundo, devido à sua maneira comprometida e antecipada de realizar uma “nova evangelização”. Não obstante, foi sobretudo a América Latina e Caribe quem mais sofreu reprimendas por colocar em ação e levar a termo as reformas preconizadas pelo Concílio Vaticano II.

A primeira pergunta do segundo bloco da pesquisa aqui em questão, de forma bastante objetiva, trata de investigar alguns desenlaces desta situação pós-Concílio, tendo em vista analisar os “padres novos” em relação aos “padres da década de 1970/80” — *A renovação do Vaticano II está avançando, estancada ou retrocedendo?* A partir destes critérios de exame, os dados mostram que 66,2% do total de entrevistados consideram que está *avançando, ainda que muito devagar*, pois foi preciso corrigir abusos; 12,3% que está *estancada, pois a reforma do Concílio está emperrada, sobretudo na cúria romana*; 12,7% que está *retrocedendo, com a volta de tradicionalismos e devocionismos pré-conciliares*; 5,4% não respondeu a este quesito; e, 3,3% acrescentaram outras observações.

É interessante perceber que esta totalidade de amostras, quando analisadas desde as duas perspectivas sócio-pastorais ou desde as categorias de agentes-ecliais entrevistados (*padres, leigos, jovens, seminaristas, religiosas*), evidencia tendências que merecem atenção. Por exemplo, ambas as perspectivas são unânimes em constatar, em primeiro lugar, que a renovação do Concílio está *avançando*. Por sua vez, os índices da perspectiva “institucional/carismática” são todos significativamente mais altos, o que indica, por um lado, que nesta compreensão a renovação do Vaticano II é dada como mais acentuada. Neste sentido, sobressai o grupo dos *seminaristas* (83,3%), seguido em ordem decrescente pelos *leigos* (78,8%), *jovens* (72,7%), *religiosas* (66,7%) e *padres* (64,2%). Contudo, enquanto os “futuros padres” (seminaristas) são os mais “entusiastas” em apontar

o dado de renovação, o grupo dos *padres* desta perspectiva representa o menor índice. Este posicionamento, por outro lado, contrasta com os dados da perspectiva “evangelização/libertação”, o que evidencia o distanciamento entre uma e outra postura quando se trata de assinalar o avanço da renovação conciliar: *seminaristas* (70,2%), *leigos* (61,1%), *jovens* (58,8%), *padres* (56,3%) e o grupo das *religiosas* (54,2%). Neste caso, são as religiosas e os padres os que menos acham que está avançando. De toda maneira, a percepção da perspectiva “evangelização/libertação” mostra-se mais comedida, possivelmente por causa das reais e limitadas condições que se apresentam em responder as suas expectativas de realização das reformas do Concílio.

Isto parece ser confirmado pelos outros quesitos que ocupam o segundo e o terceiro lugar: a renovação do Concílio está *retrocedendo*, com a volta de *tradicionalismos e devocionismos pré-conciliares*; está *estancada*, pois a reforma do Concílio está *emperrada*, sobretudo na *Cúria Romana*. Tal como demonstram os dados, a percepção de que a renovação do Vaticano II está retrocedendo é visivelmente menor em todas as categorias da perspectiva “institucional/carismática” quando comparada com a perspectiva “evangelização/libertação”: *padres* (13,4%) (19,8%), *leigos* (9,7%) (12,9%), *jovens* (2,0%) (10,1%), *seminaristas* (5,1%) (19,1%), *religiosas* (0,0%) (26,4%). Enquanto os “padres novos” se dividem em apontar que a renovação do Vaticano II está *estancada* (13,4%) ou *retrocedendo* (13,4%), para os “padres da década de 1970/80” pesa mais o fato de estar *retrocedendo* (19,8%) que o quesito *estancamento* (8,3%). Além disso, é um dado chamativo que 9,0% dos “padres novos” não responderam à questão, o que poderia sinalizar um tipo de silêncio para não se expor ou para evitar ter de adotar um posicionamento frente à pergunta.

Diante destes dados, buscando alguma compreensão, é importante ter presente que o pós-Concílio, depois de Paulo VI (1897-1976), foi marcado pelo brevíssimo pontificado de João Paulo I (1912-1978), com apenas 33 dias, sendo depois fortemente modelado pelo longo pontificado de João Paulo II (1920-2005), um total de 26 anos, 5 meses e dezoito dias. Junto deste aspecto histórico em sua biografia — o segundo pontificado mais longo no governo da Igreja —, está associado ao papa peregrino o perfil ativo e ao mesmo tempo o caráter centralizador que manteve como Sumo Pontífice, um estilo de governo impulsionado por uma densa e extensa publicação magisterial. Neste período de

volta à grande disciplina (cf. LIBANIO, 1983; MARTÍNEZ GORDO, 2014), foi notável o arrefecimento do espírito renovador do Concílio, sobretudo a partir do controle (canônico, teológico, pastoral...) que a Cúria romana passou a exercer sobre a Igreja no mundo, uma “administração” particularmente atenta ao caminhar da Igreja latino-americana.

Um momento bastante difícil desta situação foi o disputado Sínodo de 1985, quando se comemorou os 20 anos de encerramento do Vaticano II tendo em vista promover uma releitura “conservadora” do Concílio (cf. MENDES, 2020, p. 324). Embora esta posição propriamente não se efetivou, ela se fez notar até o fim do pontificado do dileto amigo e sucessor do papa polonês, Bento XVI. Na realidade, embora ensaiando alguns gestos de inovação e obrigando-se a tomar posição diante dos problemas que se foram acumulando — incluído pelo gesto histórico de sua renúncia —, em linhas gerais o governo do papa alemão (2005-2013) significou uma continuidade do regime anterior acentuando o distanciamento do espírito conciliar (até mesmo depois na condição de bispo emérito de Roma).

Evidentemente que toda essa situação eclesial, perpassada pelos impactos de uma imparável mudança de época, engendrou nas instancias eclesiásticas uma nova fisionomia de Igreja para o clero (bispos, padres e diáconos) que, em geral, tece uma volta ao passado sem muitas vezes tomar em sério a *voltas às fontes* preconizadas pelo Vaticano II. Isso não só demarca uma diferença de identidade entre os “padres da década de 1970/80” e os “padres novos”, mas, sobretudo, configura um cenário eclesiológico com enormes dificuldades para acompanhar e avançar nas reformas do Papa Francisco, o primeiro papa literalmente pós-Concílio e que está resgatando as originalidades esquecidas do Vaticano II. Toda essa situação, obviamente, como veremos a seguir, tem repercutido fortemente na trajetória da Igreja na América Latina.

1.2 *A tradição libertadora latino-americana*

Quando se menciona a Igreja latino-americana, tomando como referência as Conferências Gerais do Episcopado, nem sempre encontramos a devida alusão à primeira Conferência do Rio de Janeiro (1955), entre outros, responsável pela criação do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM). Não deixa de ser um fato que a realização do Concílio Vaticano II (1962), em certo sentido, encurtou a

importância e o impacto da primeira Conferência que, a seu tempo, deu início a uma nova etapa da *colegialidade episcopal* na América Latina. No entanto, este marco inicial e o CELAM serão de fundamental importância na realização de todas as demais Conferências.

Na sequência temos Medellín (1968), a magna Conferência que, dando início à *caminhada sinodal* na Igreja regional, não só promoveu uma recepção ousada e criativa do Concílio Vaticano II, mas, também, deu reconhecimento à *Igreja dos Pobres* e sua *Teologia da Libertação*. Foi dessa maneira robusta que a segunda Conferência pôs as bases do que ficou conhecido como a *tradição da Igreja latino-americana*, por vezes também evidenciada pela expressão *em continuidade com as Conferências anteriores*.

A partir de Medellín, para bem e para mal, com maior ou menor ressonância, todas as demais Conferências — Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007) — puseram-se a tratar das trilhas abertas por aquela grande assembleia que, com a presença de Paulo VI em sua abertura, por primeira vez recebeu a visita do sucessor de Pedro no Continente. Dada a sua plena sintonia com o Vaticano II, tal como aconteceu com o Concílio, também a Conferência de Medellín padeceu restrições, releituras, recortes... que deixaram na periferia a *Igreja pobre e para os pobres* e produziram um gritante silêncio sobre a sua *teologia da libertação* (cf. LIBANIO, 2007, p. 23). Neste particular, não cabem dúvidas de que, depois da conturbada Conferência de Santo Domingo (1992), foi a Conferência de Aparecida (2007) — apesar de suas limitações teórico-metodológicas (cf. MENDES, 2020, p. 239-278) —, quem de fato resgatou a *tradição latino-americana* do ostracismo e avançou em sua dimensão missionária.

Tratando de examinar estas questões e seguindo uma formulação semelhante ao que se utilizou para consultar sobre a *renovação do Vaticano II*, a segunda pergunta da pesquisa tendo em vista analisar a posição dos “padres novos”, interroga: *Na prática, a tradição latino-americana (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida) está avançando, estancada ou retrocedendo?* De acordo com os dados colhidos, no total dos entrevistados, 53% consideram que está *avançando*, sobretudo com a Conferência de Aparecida; 16,8% que está *estancada*, sobretudo com a nomeação de novos bispos e o fortalecimento dos movimentos; 14,7% que está *retrocedendo*, com a desqualificação da teologia latino-americana, dos mártires e das

CEBs; 12,1% não respondeu a esse quesito; e, 2,6% acrescentaram outras observações.

Muito embora estes dados demonstrem que há unanimidade em apontar que a tradição latino-americana está *avançando*, neste caso, tendo como marco a V Conferência de Aparecida, todavia, também aqui, este avanço é notoriamente destacado pelos agentes eclesiais da “perspectiva institucional/carismática” quando contrastado com a “perspectiva evangelização/libertação”: *padres* (74,6%) (48,5%), *leigos* (62,9%) (53,6%), *jovens* (46,6%) (39,8%), *seminaristas* (62,8%) (55,3%), *religiosas* (60,6%) (37,5%). Como se pode observar, estes dados recalcam a diferença de posturas, critérios e práticas que caracterizam os agentes eclesiais de cada perspectiva sócio-pastoral quando se trata de valorar, na prática, a efetividade da tradição latino-americana.

É curioso perceber que neste item — diferentemente do anterior a respeito da renovação do Vaticano II, em que a maioria considerou estar retrocedendo —, em segundo lugar se considera, na prática, que a tradição latino-americana está *estancada*, sendo que por último aparece a opção *retrocedendo*. Por sua vez, de acordo com os dados, quem mais acha que está *estancada*, *sobretudo com a nomeação de novos bispos e o fortalecimento dos movimentos*, são os padres da “perspectiva evangelização/libertação” (24,7%) e, quem menos acha são os padres da “perspectiva institucional/carismática” (7,5%). A diferença de posicionamento dos padres em relação a estar *retrocedendo*, *com a desqualificação da teologia latino-americana, dos mártires e das CEBs*, também é significativa. Enquanto apenas 4,5% dos “padres novos” considera que, na prática, a tradição latino-americana está *retrocedendo*, o parecer dos “padres da década de 1970/80” eleva-se a 16,5%.

Em base a estes dados, vale a pena recordar o fato de que tanto mais se distancia cronologicamente a realização do Concílio Vaticano II, bem como, os marcos teológico-pastorais definidos pela Conferência de Medellín (e de Puebla), tanto menos se busca ponderar as suas orientações fundamentais enquanto critério necessário de discernimento eclesial da *tradição libertadora latino-americana*. Neste sentido, para além do desconhecimento em geral, em particular por parte das novas gerações, ainda viceja um enorme desprestígio em grande parte alimentado pelo preconceito e a desinformação. Isto, em boa medida, esclarece a diferença dos índices entre os “padres da década de 1970/80” — quando se trata de indicar se *a tradição libertadora latino-americana* está *avançando*,

estagnada ou *retrocedendo* — em relação aos “padres novos”. Estes, cada vez mais desprovidos das experiências, razões, vínculos e compromissos anteriores, tendem não só a relativizar esta história e esta tradição, mas, sobretudo, a reconstruir um passado que já não existe, lamentavelmente, amparados pela rigidez canônico-doutrinal e teológica (*inverno eclesial*) que submeteu a Igreja até a renúncia do atual bispo emérito de Roma.

Cabe ainda lembrar que a Conferência de Aparecida, no contexto do pontificado anterior, significou uma importante retomada das opções da Igreja latino-americana. No entanto, a partir da eleição de Francisco, a Igreja regional, sobretudo por conta de uma parcela significativa do episcopado, padece de uma retardada adesão às corajosas iniciativas do Papa latino-americano que, sem temor, resgatou Aparecida e, no seu melhor estilo, a *tradição latino-americana*. Vale dizer que, na atual conjuntura, os “padres novos” são os que menos contam na continuidade da imponente tradição da Igreja da América Latina. Exatamente quando necessitamos de (re)visão crítica e autocrítica para avançar nesta caminhada regional, o que viceja é a indiferença com esta trajetória e a contumaz resistência (incapacidade?) de pensar teológica e inculturadamente esta realidade. Em suma, com raras exceções, esta geração de “padres novos”, como se adverte a seguir, disse adeus à teologia latino-americana.

1.3 A teologia da libertação

No dizer de Mendes (2020, p. 485), “a Igreja dos pobres e a opção pelos pobres latino-americana não teriam alcançado um maior impacto eclesial e social se não tivessem sido acompanhadas por uma sólida reflexão teológica”. Tal como entende o autor, “em todas as épocas da história da Igreja abundam testemunhos de uma autêntica vida teologal movida pela caridade e devotamente dedicada ao cuidado dos pobres”. Todavia, sublinha o teólogo, “diferentemente de qualquer outra época histórica, a(s) teologia(s) da libertação, como fruto da Igreja dos pobres, constituiu-se na mais coletiva e ativa força promotora da causa dos pobres na Igreja e na casa comum”.

Junto disso, embora reconhecendo que no cristianismo sempre houve uma rica variedade de teologias, dada a predominância hegemônica de uma teologia

católica de corte euro-ocidental, ainda é preciso indicar que a Teologia da Libertação foi a primeira teologia que nasceu, cresceu e sobreviveu na “periferia” da(s) Igreja(s). Como sublinha Libânio (2013, p. 1329), “em tão breve tempo de existência, nenhuma teologia se submeteu a tantas avaliações e balanços críticos como a Teologia da Libertação”. Somente então, depois da sua sofrida *noite escura* (cf. MENDES, 2018), a Teologia da Libertação foi finalmente considerada “não só oportuna, mas útil e necessária” (JOÃO PAULO II, 1986) e, portanto, parte indispensável na tradição teológica católica.

Tratando de abordar estas questões, a terceira pergunta do questionário aplicado na pesquisa de campo *Como você avalia a teologia da libertação*, ofereceu uma lista com dez possibilidades de escolha, sendo ainda possível, na opção *outro*, incluir novos dados. Sendo assim — buscando uma abordagem panorâmica dos indicadores mais sobressalientes —, temos que, das alternativas disponíveis, a que ocupa primeiro lugar na eleição dos entrevistados, 24,0% consideram que a Teologia da Libertação *explicita a dimensão sócio-transformadora do Evangelho*. Neste caso, contrastando os dados da “perspectiva institucional/carismática” com a “perspectiva evangelização/libertação”, resultam os seguintes índices: *padres* (16,4%) (49,5%), *leigos* (14,8%) (20,5%), *jovens* (23,7%) (20,4%), *seminaristas* (3,8%) (27,1%), *religiosas* (35,3) (34,7%). Como se pode notar neste quesito, a valoração mais positiva da Teologia da Libertação se concentra na “perspectiva evangelização/libertação”, em particular pelo grupo dos *padres* (49,5%) seguido pelas *religiosas* (34,7%); muito embora, entre os *jovens* (20,4%), é um dado curioso e preocupante, sobressai o menor índice, incluso quando comparado com a “perspectiva institucional/carismática” (23,7%).

Por seu turno, são os *seminaristas* (46,2%) da “perspectiva institucional/carismática” e os *jovens* (23,3%) da “perspectiva evangelização/libertação” os que mais consideram que a Teologia da Libertação *politiza a fé, colocando o pobre como fundamento e não Jesus Cristo*. No entanto, embora com reticências, para os *padres* (22,4%) da “perspectiva institucional/carismática”, a Teologia da Libertação *precisa corrigir certos desvios, mas continua “útil, oportuna e necessária”*, bem como, para 14,9%, ela *ajuda os cristãos a contribuir com uma sociedade mais justa e solidária*. De maneira consequente com a sua visão, para 16,5% dos *padres* da “perspectiva

evangelização/libertação” a Teologia da Libertação é expressão da opção pelos pobres, a qual “radica na fé cristológica” (BENTO XVI).

Devemos considerar que estes dados, de maneira geral, confirmam tendências que são muito evidentes no cotidiano da Igreja. Enquanto uma geração de padres (bispos, religiosas...) das décadas de 1970/80, persistem no uso de uma metodologia pastoral que se baseia na reflexão teológica latino-americana (*teologia da libertação*), esta perspectiva torna-se cada vez mais distante, desconhecida e, não poucas vezes, esconjurada na cultura dos “padres novos”.

Quanto mais se extravia aqueles horizontes de compromisso teológico-pastorais a partir dos pobres, como faz a Teologia da Libertação, o problema — que se mostra crescente — consiste, quase sempre, no avanço de uma “modernização” conservadora que, sobrepondo fragmentos teológicos, mescla práticas institucionais anacrônicas com os mais recentes adereços da moda mediática (cf. BENEDETTI, 1999). Trata-se, muitas vezes, de um tipo de bricolagem que em nada se diferencia da(s) criticada(s) teologia(s) da “prosperidade”, por sua total renúncia aos reais desafios evangelizadores da realidade pastoral latino-americana. Disso resulta a infundada, porém, frequente, declaração de óbito da Teologia da Libertação. Mas, não só isso, com ela deixa-se de lado a práxis da fé, os pobres, a libertação, etc. Em troca, ressurgem a centralidade do “sacerdote”, do culto, da paróquia, enfim, da institucionalidade da Igreja encerrada no clericalismo dos padres e dos leigos — como denuncia, sem dar tréguas, o papa Francisco.

Em meio a esse conturbado contexto, entre outros muitos aspectos que causam preocupação em relação a essa geração de “padres novos”, destaca-se a precariedade da formação teológica que vem demonstrada em suas práticas pastorais. Obviamente que nisto está implicado um outro aspecto de fundamental importância, a inequívoca deficiência da formação em nível filosófico. No entanto, parece razoável indicar que esta limitação teológica dos “padres novos” — para além de embaraçar sua própria auto-compreensão — dificulta, sobretudo, apreender teologicamente a realidade complexa na qual está inserida a evangelização.

2. Avançar com Francisco: vencer o clericalismo

Francisco, o primeiro latino-americano a ocupar o s3lio de Pedro — como frisou na sua primeira apresenta33o p3blica —, chegou *do fim do mundo*. Com ele, a “periferia” da Igreja, simbolicamente o “sul” do mundo, alcan3ou chegar ao “centro” administrativo da eclesialidade cat3lica. N3o obstante, paradoxalmente, desde aquele momento inaugural ficou claro que ele n3o estava assumindo um poder central que gerencia a Igreja no mundo global, mas, antes de tudo, dava in3cio a um servi3o de comunh3o na Igreja de Cristo dispersa pelo mundo.

Desde esta perspectiva — no contexto das reflex3es anteriores sobre o Vaticano II, a tradi33o libertadora latino-americana e o modo de ser dos “padres novos” —, tendo em vista avan3ar neste caminho de servi3o, precisamos ter clareza da real contribui33o que vai ganhando corpo com o primeiro papa oriundo da Am3rica Latina y Caribe 3 Igreja. Nesta linha de reflex3o, temos que este pontificado comporta ao menos dois aspectos principais que se articulam na pessoa e na originalidade de Francisco.

Em primeiro lugar, como membro da Igreja latino-americana, o atual bispo de Roma levou consigo uma experi3ncia eclesial madura. A partir da Confer3ncia de Medell3n (1968), que interpretou com criatividade prof3tica o Conc3lio Vaticano II — encarnando-se no meio das maiorias empobrecidas do continente e nas lutas populares —, nasceu a Igreja *pobre e para os pobres* e, com este horizonte, emergiu a reflex3o teol3gica latino-americana, maiormente reconhecida como *teologia da liberta33o*. Em segundo lugar, como *servo dos servos de Deus* e, portanto, pastor da Igreja universal, Francisco, aporta para a Igreja latino-americana uma nova luz 3 sua trajet3ria libertadora e, ainda, com a exig3ncia de radicalizar este caminho transformando-se em uma *Igreja pobre para os pobres*.

Seguindo este racioc3nio, pode-se dizer que ning3m mais do que Francisco, tem buscado e conseguido destacar a *tradi33o libertadora da Igreja latino-americana*, por sua vez, confiando-lhe novas exig3ncias e mais responsabilidades. Basta recordar, por exemplo, o intercambio fecundo de Aparecida (2007) com *Evangelii Gaudium* (2013), ao tratar da *convers3o pastoral* e da *pastoral em convers3o* para a sa3da mission3ria da Igreja 3s periferias; ou mesmo, a direta vincula33o de *Laudato si'* (2015), com sua *ecologia integral*, o S3nodo Pan-amaz3nico e *Querida Amaz3nia* (2021), tendo em vista a *convers3o ecol3gica* — o *cuidado da casa comum* — e a fraternidade social (*Fratelli tutti*, 2021); e, ainda, a inspiradora realiza33o da

Assembleia Eclesial da Igreja latino-americana (2021), organizada para se realizar previamente ao Sínodo dos Bispos sobre a *sinodalidade de toda a Igreja* (2021-2023).

Sem lugar a dúvidas, estas e muitas outras iniciativas de Francisco se tornam mais bem compreendidas à luz da caminhada teologal e teológica da Igreja latino-americana. Portanto, não causa estranheza que o seu pontificado, seja uma continua retomada e aplicação do Concílio Vaticano II, sobretudo demarcada pelo *caminhar juntos*. Seja como for, a Igreja na América Latina e Caribe dinamizou o Concílio e, mediante às Conferências Gerais do Episcopado, muito além da colegialidade, forjou um estilo eclesial pautado pela *comunhão e participação* (Puebla).

Diante disso, cabe uma ressalva. Embora visivelmente comprometido com a *práxis da fé* e a *ótica dos pobres*, estas opções, evidentemente, não fazem de Francisco um “teólogo da libertação”, nem mesmo apontam a que o seu pontificado esteja imediatamente associado com a Teologia da Libertação ou com alguma de suas correntes (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 650). Não obstante, parece evidente, o estilo franciscano do jesuíta feito bispo de Roma exterioriza uma profunda vivência teologal latino-americana (aquela unidade *fé e vida*) que não esquece da predileção do Evangelho pelos pobres e da urgência de uma *libertação integral*. Exemplo disso é o seu empenho incansável para indicar o lugar social da Igreja: *pobre para os pobres*. Portanto, para Francisco — assim como para os teólogos e teólogas latino-americanos —, não é a teologia que *salva*, mas, sim, o *discipulado missionário* que colabora com o *Reinado de Deus* (*práxis da fé*).

Por fim, tendo em vista a especificidade temática que orienta estas reflexões, para realmente avançar com Francisco, não se poderia terminar essa breve resenha dos seus ensinamentos sem referir suas frequentes admoestações contra o *clericalismo dos padres*, que inclui, particularmente, a cultura dos “padres novos”. Não cabe dúvida de que esta contínua denúncia combativa, protagonizada pelo Santo Padre, pretende não só eliminar esta chaga, mas, sobretudo, colocar em ação, na eclesialidade católica, uma autêntica *sinodalidade*. Neste sentido, o magistério de Francisco assume, sem subterfúgios, o rosto da Igreja *Povo de Deus*.

Desde esta perspectiva, embora Francisco (2018a) esclareça que “o clericalismo [...] não é apenas dos clérigos”, pois “é uma atitude que concerne todos nós”, de toda maneira ele faz notar que “o clericalismo é uma perversão da Igreja”.

Além disso, sem usar meias palavras, ele identifica “o núcleo do clericalismo: uma casta sacerdotal ‘acima’ do Povo de Deus. E se isto não for resolvido, o clericalismo continuará na Igreja” (FRANCISCO, 2021). Ou seja, enquanto não for desmontada a mentalidade, a eclesiologia, as estruturas — simbólicas e canônicas — que sustentam o clericalismo dos padres (bispos, diáconos, leigos...) a Igreja permanecerá tal e qual, centrada no “poder do clero”. Tudo isto é perverso porque — como adverte o Papa — “a sua lógica é a do poder, e o sacerdote não é homem de poder, mas de serviço”. Portanto, exorta, “devemos evitar qualquer forma de clericalismo. [...] Para sermos testemunhas críveis devemos recordar que antes de sermos sacerdotes somos sempre diáconos; antes de sermos ministros sagrados somos irmãos de todos, servidores” (FRANCISCO, 2018b).

Conclusão

Neste momento das considerações finais, tendo em vista as reflexões que surgiram a partir da pesquisa sobre o perfil dos “padres novos” no Brasil, sobressai, evidentemente, o vínculo inevitável que há entre os três temas principais compreendidos nas perguntas que foram consideradas: a *renovação do Concílio Vaticano II*, a *tradição libertadora latino-americana* e a *teologia da libertação*. Resumidamente pode-se dizer que, a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina e Caribe, no contexto da Conferência de Medellín, significou o acontecimento decisivo para que naquela experiência sinodal se pudesse confirmar, profeticamente, a *Igreja dos Pobres* e sua *teologia da libertação*. Portanto, foi esta conjunção de circunstâncias e de esforços que deu origem à *tradição libertadora* (opção pelos pobres, integração Fé e Vida, CEBs, Ver-Julgar-Agir-Celebrar-Avaliar, ecologia integral, discipulado-missionário...), um inequívoco sinal dos tempos latino-americanos que cresceu e sobrevive para muito além do continente.

Tomando como referência esta trajetória, buscou-se refletir dados que demonstram que, com o passar dos anos, este percurso de evangelização/libertação, tão vivamente querido e assumido por uma grande maioria dos “padres da década de 1970/80”, foi perdendo o seu vigor. Na verdade, este caminho, quando não foi interrompido, foi sendo esquecido e, cada vez mais, abandonado por uma sucessiva geração de “padres novos”. Esta tendência, em detrimento da perspectiva

“evangelização/libertação”, fortaleceu uma polarização “institucional/carismática” que restaurou uma cultura fortemente clerical (e clericalizante) no interior da Igreja. Dado o contínuo incremento desta perspectiva, a requerida renovação do Concílio Vaticano II e da tradição libertadora latino-americana — tendo em vista avançar com o pontificado de Francisco —, soçobra por conta de um crescente “espiritualismo às avessas”. Desentendidos do discernimento autenticamente evangélico, o “rubricismo” católico (doutrinal, litúrgico...) imperante na cultura dos “padres novos”, salvo exceções, converge perigosamente com os (neo)conservadorismos emergentes na cultura, na política, enfim, na sociedade em geral.

Nesta linha, os sacerdotes, “aqueles ‘de laboratório’, completamente limpos e bonitos — como ensina Francisco (2014) —, não ajudam a Igreja”, sobretudo quando precisamos da “Igreja como um ‘hospital de campo’”, em *saída missionária* e com uma *pastoral em conversão*. Chegaremos lá? Isso vai depender, em boa medida, da *conversão pastoral* dos seminários, dos institutos de filosofia e teologia, dos “padres novos” e da Igreja como um todo. Não obstante, no dizer do Papa Francisco (2017), a Igreja necessita “reapropriar-se dos verbos que o Verbo de Deus conjuga na sua missão divina. Sair para encontrar, sem passar ao largo; reclinar-se sem desleixo; tocar sem medo”. E sublinha: “trata-se de ir, dia após dia, trabalhar no campo [*pastoral*], lá onde vive o Povo de Deus”. Em suma, o futuro dependerá da capacidade de viver o Evangelho sem glosas.

Referências

AQUINO JÚNIOR, F. Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico pastoral”. *Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, 2016.

BENEDETTI, L. R. O “novo clero”: arcaico ou moderno. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 233, p. 88-126, 1999.

BETT, I. A (re)invenção do comunismo. *Discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966*, 2010. 261 p. Orientador: Heloísa Jochims Reichel. Dissertação (Mestrado em História) — UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

CÂMARA, H. O Pós-Concílio à Altura do Vaticano. In: KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II. Quarta Sessão (set.-dez. 1965)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1966. p. 529-534.

CASTELA, J.; MENDES, V. H. A missão da Igreja é Evangelizar: Apontamentos pastorais no contexto da pandemia. In: *I Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral* (edição virtual). FAJE, Belo Horizonte, 2021.

ESPEJA, J. *A los 50 años del Concílio*. Camino abierto para el siglo XXI. 2 ed. Madrid: San Pablo, 2012.

FAGGIOLI, M. Balance sobre el debate en torno a la interpretación del Concílio. *Efemérides Mexicanas*, Ciudad de México, v. 33, p. 3-18, jan./abr. 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*. 24 de maio de 2015. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *Discurso ao Comitê Diretivo do CELAM*. 7 de setembro de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papa-francesco_20170907_viaggioapostolico-colombia-celam.html. Acesso em: 12 de jul. 2021.

FRANCISCO. *Discurso aos Diáconos de Roma e seus familiares*. 19 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/june/documents/20210619-diaconi.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FRANCISCO. *Discurso aos párocos da diocese de Roma*. 6 de março de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.html. Acesso em: 14 de jul. 2021.

FRANCISCO. *Encontro com o Clero, os Religiosos e os Seminaristas*. Visita Pastoral às dioceses de Piazza Armerina e de Palermo. 15 de setembro de 2018b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180915_visita-palermo-clero.html. Acesso em: 15 jul. 2021.

FRANCISCO. *Encontro com os jovens italianos em vista do Sínodo*. 11 de agosto de 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/august/documents/papa-francesco_20180811_giovani-italiani.html. Acesso em: 15 jul. 2021.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil*, 9 de abril de 1986. Disponível em: www2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

LIBANIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. Reflexão sobre a atual conjuntura da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

LIBANIO, J. B. *Cenários da Igreja: num mundo plural e fragmentado*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LIBANIO, J. B. Conferência de Aparecida. *Vida Pastoral*, São Paulo, v. 59, n. 354, p. 20-26, 2007.

LIBANIO, J. B. Teologia em revisão crítica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1328-1356, 2013.

MARTÍNEZ GORDO, J. *La conversión del papado y la reforma de la curia romana*. Cambio de Rumbo. Madrid: PPC, 2014.

MEDEIROS, K. M. C.; FERNANDES, S. R. *O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDES, V. H. La(s) noche(s) oscura(s) de la liberación en América Latina y El Caribe. Acotaciones a la luz de Francisco, el Papa latinoamericano. In: II Congreso Mundial Sanjuanista (Noche Oscura), 2018, Ávila. II Congreso Mundial Sanjuanista (Noche Oscura). Ávila: CITEs; Monte Carmelo, 2018. p. 565-579.

MENDES, V. H. *Liberación, un balance histórico bajo el influjo de Aparecida y Laudato si'*. El aporte latinoamericano de Francisco. 2020. 577 p. Orientador: Gonzalo Tejerina. Tese (Doutorado em Teologia) — Facultad de Teología, UPSA, Salamanca, España, 2020.

MENDES, V. H. O Seminário e a questão educativa. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 32, n. 137, p. 571-590, 2002.

MENDES, V. H. Vaticano II: A modernidade da Igreja em um contexto de mudanças. *Medellín*, v. 37, n. 148, p. 461-487, 2011.

OLIVEIRA, P. A. R. O papel do padre -1968 a 2004. In: MEDEIROS, K. M. C.; FERNANDES, S. R. *O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 43-61.

SPOTLIGHT - Segredos Revelados. Tom McCarthy/Blye Pagon Faust, Steve Golin, Nicole Rocklin, Michael Sugar. LA: Open Road Films (EUA), 2016.

VALLE, E.; BENEDETTI, L. R.; ANTONIAZZI, A. *Padre, você é feliz? Uma abordagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RECEBIDO: 04/10/2021
APROVADO: 29/11/2021

RECEIVED: 10/04/2021
APPROVED: 11/29/2021